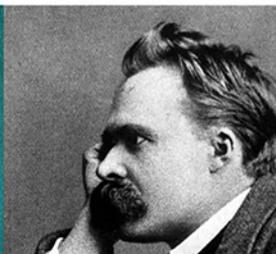
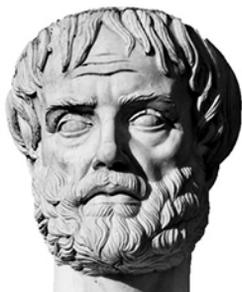


VIDA NOVA



JOHN M. FRAME

HISTÓRIA DA FILOSOFIA E TEOLOGIA OCIDENTAL



Philosophia significa, literalmente, “amor pela sabedoria”. Contudo, desde as antigas escolas gregas até os saguões acadêmicos atuais, os escritos filosóficos têm refletido, com maior frequência, mais a sabedoria do mundo do que a sabedoria da Palavra, e muitos lançaram mais sombras do que luzes. Não é o caso da mais recente obra-prima de John Frame. Nenhuma outra investigação da história do pensamento ocidental oferece a mesma mistura revigorante de clareza expositiva, insight crítico e sabedoria bíblica. Complementada por guias de estudo, bibliografias, links para citações famosas de pensadores influentes, vinte apêndices e um capítulo de glossário, este livro é uma excelente escolha como manual para um curso de seminário. Abertamente cristão em sua perspectiva, sem nenhuma culpa, ele será minha primeira recomendação para cristãos buscando um guia confiável para o labirinto da história da filosofia e da teologia.

James N. Anderson, professor adjunto de Teologia e Filosofia do Reformed Theological Seminary, Charlotte, Estados Unidos.

A história da filosofia ocidental secular traça as inúmeras tentativas de pensamentos profundos dos homens sobre a criação de Deus, mas à parte de Deus. Isso resultou em uma variedade de sistemas de pensamentos que possuem fragmentos de verdade capazes de cativar nossa curiosidade natural sobre o mundo. Entretanto, sem a verdade da Escritura atuando como autoridade sobre crenças e valores, não apenas aqueles fragmentos são incapazes de nos fornecer um retrato completo, mas até mesmo a pequena porção do que afirmam não é totalmente verdadeira. No fim, tudo o que nos resta é uma mentira. Esse foi o subterfúgio de Satanás com a primeira mulher. Ele a seduziu a aceitar a futilidade de sua mentira como verdade. Desde aquele dia no jardim, a estratégia de Satanás permaneceu a mesma, em essência. Ou ele apresenta para nossa apreciação, em nome da filosofia, juízos fraudulentos sobre a criação, ou ele encontra meios de misturar o joio das falsas filosofias com a verdade da Palavra de Deus em nosso coração e mente, confundindo-nos, assim, sobre o que é certo. Em ambos os casos, seu objetivo é nos tentar para questionarmos o que Deus disse. Respondendo a esse ataque, John Frame oferece um ministério de valor incalculável para a igreja. Ele coloca a história da filosofia ocidental em seu contexto próprio: a guerra espiritual. Aqui, aprendemos que a filosofia é mais do que um conjunto de cursos no currículo universitário — é um campo de batalha pelos corações e mentes de bilhões de pessoas. Nessas páginas estão os recursos exatos que você precisa para levar todo pensamento cativo à obediência de Cristo e ser um defensor da verdade. Que este livro ajude a prepará-lo para tempos como estes.

John Barber, pastor da Cornerstone Presbyterian Church, Palm Beach Gardens, Flórida, Estados Unidos.

Com esse volume, Frame oferece a seus diversos leitores devotos uma abordagem “triperspectiva” da história da filosofia ocidental e da teologia moderna. Baseado em

um curso que ele vem ministrando há muitos anos no Reformed Theological Seminary e em uma vida inteira de leituras e reflexões, esse volume é o próximo grande livro de John Frame. Embora suas interpretações dos inúmeros pensadores contemplados nessa pesquisa sigam, abertamente, as convenções populares, a sua análise é singular. A devoção de Frame por Van Til, o homenageado, é patente em toda a obra, visto que lê essa história como a narrativa da antítese entre o pensamento cristão e todos os outros sistemas de pensamento. Ali, o pensamento ocidental se torna uma narrativa dos erros, desvios e idolatria, e seu estudo, um exercício na preparação para uma guerra espiritual na vida intelectual. *História da filosofia e da teologia ocidental* arremata o *corpus* de Frame e é leitura obrigatória para qualquer um interessado nas linhas de seu pensamento.

Bruce P. Baugus, professor adjunto de Filosofia e Teologia do Reformed Theological Seminary, Jackson, Estados Unidos.

O que aconteceria se John Frame se tornasse uma espécie de Frederick Copleston e escrevesse uma “história da filosofia” inteira? Nós agora temos uma resposta para essa pergunta, pois isso foi feito. Ela conjugaria todas as qualidades que existem, de fato, no Dr. Frame. Seria a combinação fascinante de uma interação irenista e prudente com toda a galeria de pensadores ao longo dos séculos, e, seria, ao mesmo tempo, um exercício no exorcismo dos demônios da autonomia humanística, da autorreferência e da autodeterminação. Desde meus tempos de estudante, quando o Dr. Frame foi um de meus professores, eu achava que, se pudesse escolher qualquer pessoa para avaliar alguma coisa no âmbito intelectual (a começar pelos meus próprios esforços como aluno), seria o Dr. Frame. Ele era o melhor avaliador com quem já tive aula. Esse mesmo predicado foi agora aplicado à totalidade da história da filosofia. O Dr. Frame é mais gentil que o Van Til, mas (curiosamente) tão incisivo quanto ele, com um olhar mais aguçado para os contornos finos e os detalhes do que o seu próprio mestre.

Richard Bledsoe, missionário metropolitano, Boulder, Colorado, Estados Unidos, e ex-pastor da PCA.

“Ah, se eu tivesse!”. Ah, se eu tivesse esse volume de John Frame quando estudei filosofia na Vanderbilt, como aluno de graduação, no final dos anos 1960! Aqueles eram tempos em que todos os alunos universitários pareciam “curtir” filosofia, mas a maior parte dela era sombria e cínica (existencialismo) ou tendia a ignorar as graves perversidades daqueles dias, buscando explicar todas as coisas por meio da clareza linguística (positivismo lógico). Frame conhece e explica bem todas as diversas correntes da filosofia, e coloca o mundo e a história da filosofia em sua perspectiva única, vista pelas lentes das Escrituras, que é a verdade de Deus sobre o mundo e sobre nós. Eu não tive o privilégio do auxílio do Dr. Frame quando comecei a estudar filosofia, mas você tem essa orientação à sua disposição. Faça uso dela.

Robert C. Cannada Jr., chanceler emérito do Reformed Theological Seminary.

Quando eu era jovem, revirei o clássico de Bertrand Russell, de 1945, *História da filosofia ocidental*. Há pouco tempo, li a obra de Luc Ferry, bem mais curta (e mais interessante), *A brief history of thought*. Entre essas duas, eu me familiarizei com muitas histórias do pensamento ocidental, todas escritas a partir de convicções profundas — algumas admitidas, outras não. Mas eu nunca li uma história do pensamento ocidental parecida com a de John Frame. O professor Frame, de forma ousada, procura refletir sobre fontes e movimentos a partir de um “*Framework*” (péssimo trocadilho intencional) de firmes e profundas convicções cristãs, e convida seus leitores a fazerem o mesmo. Essas convicções, combinadas com o formato de um manual de faculdade ou seminário, tornam essa obra inestimável para estudantes e pastores cansados da falsa neutralidade, que não é mais neutra do que a do próximo tomo. Quer se concorde com alguns de seus argumentos, quer se discorde deles, John Frame irá ensiná-lo a *pensar* com categorias teológicas e filosóficas.

D. A. Carson, professor pesquisador de Novo Testamento da Trinity Evangelical Divinity School.

Para esta obra de grande fôlego, John Frame começa com o fundamento básico para um discípulo. Evitando as promessas vãs das considerações sem juízo de valor do pensamento ocidental acerca da filosofia, das teorias do conhecimento e da ética, ele confessa abertamente a necessidade cristã de se pensar o *imperativo* divino por trás de todo o pensamento e empenho humano. Assim como as águas correm pelos sulcos, a mente do cristão avalia a teoria, afirmação e imperativo, necessariamente, de acordo com as linhas traçadas pela Palavra de Deus. Frame sabe que esses pressupostos farão os secularistas, cegos por seus próprios preconceitos, marginalizarem sua análise, mas ele sujeita pensamento e prática ao seu mestre, a fim de oferecer uma avaliação primorosa do pensamento e da ética daqueles que contribuíram (tanto para o bem quanto para o mal) para as perspectivas e prioridades de nossa cultura.

Bryan Chapell, pastor da Grace Presbyterian Church, Peoria, Illinois, Estados Unidos.

Quando era um jovem teólogo, me beneficiei sobremaneira do esboço de John Frame, um vasto programa de história da filosofia. Ele conseguiu resumir nessa história, de maneira sucinta, porém competente, seus momentos mais significativos, e avaliá-los teologicamente, isto é, de forma bíblica. Nessa *História da filosofia e da teologia ocidental*, Frame dá corpo ao esqueleto de seu antigo esboço. E que preciosidade temos! Entre outras virtudes, ele põe em xeque a suposta oposição entre filosofia e teologia, acreditando que aplicar uma teologia bíblica aos problemas levantados pelos filósofos é uma resposta autêntica e fidedigna para aquelas perguntas. Para aqueles que veem a filosofia como um universo estranho, esse

volume irá desafiar suas ressalvas. Para aqueles que já estão comprometidos com a interface adequada entre a teologia e a filosofia, essas páginas irão confirmar e aprofundar sua interpretação.

William Edgar, professor de Apologética e catedrático John Boyer de Evangelismo e Cultura do Westminster Theological Seminary.

A Bíblia, como Palavra de Deus que se autotestifica, oferece os fundamentos indispensáveis tanto para a prática da sã filosofia quanto para determinar a relação adequada entre a filosofia e a teologia. Obras escritas com essa convicção crucial são raras. Esse volume é uma grande e muito bem-vinda exceção. Conjugando o extenso pensamento, antigo e atual, do autor nessas áreas, trata-se de um recurso valioso, especialmente para aqueles interessados em seguir o compromisso apostólico de destruir argumentos e toda a arrogância que se ergue contra o conhecimento de Deus e levar todo pensamento cativo em obediência a Cristo (2Co 10.5).

Richard B. Gaffin Jr, professor emérito de Teologia Bíblica e Sistemática do Westminster Theological Seminary.

Eu venho de uma tradição que, sobre a filosofia, diz: “Manuseie com cuidado!”. Isso é exatamente o que John Frame faz nesse importante livro, o qual conecta, de uma maneira exemplar, a história da filosofia com estudos bíblicos e teologia cristã. Ler este livro com atenção é uma autoinstrução.

Timothy George, reitor fundador da Beeson Divinity School, Samford University e editor geral do *Reformation Commentary on Scripture*.

O professor Frame prestou um grande serviço à igreja ao produzir essa história da filosofia e da teologia — duas disciplinas que se interagem e reagem uma à outra continuamente. Ele o fez com sua clareza usual de pensamento e seu compromisso com a verdade absoluta. Suas sínteses são concisas, porém coerentes, e ele não hesita em demonstrar as contradições inerentes que se escondem por trás de muitos raciocínios modernos. Esse guia será indispensável para estudantes e uma ferramenta inestimável para apologetas.

Liam Goligher, pastor sênior da Décima Igreja Presbiteriana, Filadélfia, Pennsylvania, Estados Unidos.

História da filosofia e da teologia ocidental, de John Frame, é um delicioso presente para a igreja e para a academia. Tenho prateleiras repletas de livros sobre filosofia e muitas outras de livros de teologia. Contudo, nenhum deles transita por entre essas duas disciplinas com a facilidade, insight e graça demonstrados pelo Dr. Frame nessa nova obra. Sua análise dos filósofos e de seus sistemas é sempre clara, dialógica e, mais importante, bíblica. Na primavera de 2015, eu lecionei História da Filosofia e

Apologética para uma turma muito perspicaz de concluintes do Ensino Médio em uma escola cristã das redondezas. Sou muito grato por ter tido acesso ao exemplar digital de avaliação dessa obra porque ela formou e elevou o meu ensino a cada passo. Tendo experimentado em primeira mão da utilidade dessa obra, eu a recomendo de modo entusiástico para seminaristas, pastores e professores — ou apenas para todo interessado na história das ideias no Ocidente. Os inúmeros auxílios professorais, por si, já valem o valor da aquisição. Essa publicação de John Frame se tornou a minha favorita e estou ansioso para sublinhar e dobrar as orelhas de minha cópia física dessa leitura fascinante!

R. J. Gore Jr., professor de Teologia Sistemática e reitor do Erskine Theological Seminary, Due West, Carolina do Sul, Estados Unidos.

Tudo o que Frame escreve sobre filosofia merece uma consideração cuidadosa.

Howard Griffith, professor adjunto de Teologia Sistemática e reitor acadêmico do Reformed Theological Seminary, Washington, D.C., Estados Unidos.

Desde meados do século vinte, cristãos interessados em pesquisar a história da filosofia se voltaram, com frequência, para a erudição católica, como os múltiplos volumes de *A history of philosophy*, de Frederick Copleston, e a *History of modern European philosophy*, de James Collins. Portanto, é um sincero prazer recomendar *História da filosofia e da teologia ocidental*, de John Frame, como uma abordagem reformada muito necessária nessa importante disciplina acadêmica. Frame traça a história da filosofia ocidental, uma tarefa assustadora em si. Entretanto, no processo, ele também relaciona os grandes sistemas filosóficos, dos gregos aos dias atuais, com a teologia cristã. Frame conecta esse estudo ao seu *corpus* mais amplo adaptando seu perspectivismo à outra disciplina. O resultado, como esperávamos a partir de seus estudos anteriores, é mais um volume maciço.

Entretanto, para além do peso, Frame apresenta uma abordagem clara, convincente e coerente. Um traço notável é a forma ampla com que Frame aborda a filosofia moderna, a qual, desde o aparecimento de Kant, exerce uma enorme influência na teologia. Ao longo de todo o volume, Frame olha para trás e para frente, faz conexões, coloca perguntas e oferece ilustrações argutas, ao mesmo tempo em que reconhece as contribuições significativas de figuras centrais. Mas ele também demonstra, com fidelidade, fraquezas em argumentos, e argumenta que, sob o princípio da autonomia humana em suas diversas formas, a mente filosófica ocidental tem uma grande carência — o evangelho.

W. Andrew Hoffecker, professor emérito de História da Igreja do Reformed Theological Seminary, Jackson, Estados Unidos.

John Frame tem sido um dos filósofos-teólogos mais perspicazes e rigorosamente honestos das últimas três décadas. Ele não apenas é prolífico, mas possui uma curiosa habilidade de analisar os temas e as nuances sutis da filosofia e da teologia ocidental. E tem mais. John tem uma sensibilidade pastoral. Tendo sido um de seus alunos, há mais de vinte e cinco anos, eu me lembro de chegar à sala e encontrar uma única frase profunda no quadro negro: “Teologia é vida”. John nunca conseguia separar a teologia ou a filosofia das realidades do dia a dia. Seu novo manual, *Uma história da filosofia e da teologia ocidental*, é um daqueles raros livros que vão tanto estimular a sua mente quanto aquecer o seu coração.

Frank A. James III, presidente e professor de Teologia Histórica do Biblical Theological Seminary.

Que privilégio John Frame oferece ao seu leitor: Acompanhar até o fim a trajetória rica e detalhada da história e da teologia ocidental que apenas os estudantes plenos de pós-graduação, em geral, recebem! Frame realizou um trabalho maravilhoso ao oferecer uma interpretação plenamente cristã, reformada e primorosa de todos os grandes pensadores da história ocidental, desde os gregos até os dias atuais, no espaço de um livro. Somos-lhe todos devedores por esse *tour de force*.

Peter Jones, diretor executivo da truthXchange e pesquisador em residência do Westminster Seminary, na Califórnia, Estados Unidos.

História da filosofia e da teologia ocidental é uma vasta pesquisa dos grandes pensadores que moldaram a investigação filosófica, desde seus primórdios até o pensamento contemporâneo. A maestria desse domínio intelectual por John Frame e sua crítica filosófica e teológica pungente fornecem um guia completo e acessível à filosofia para uma investigação a partir da cosmovisão cristã. Essa obra deve estar nas bibliotecas dos pastores e prontamente disponível para seminaristas, teólogos e filósofos que interagem com a relação entre filosofia e pensamento cristão.

Peter A. Lillback, presidente do Westminster Theological Seminary.

John Frame conseguiu de novo! Ele escreveu outro livro esplêndido e completo que terá um grande e duradouro valor para a igreja. Seminários e faculdades teológicas no Ocidente vão desejar que seus ingressantes leiam esse livro antes de se matricularem, e os pós-graduandos dessas instituições o terão à mão para referência posterior. Obrigado, professor Frame!

Samuel Logan, diretor internacional da World Reformed Fellowship.

John Frame conseguiu de novo. Esse livro é um presente para a igreja. Estudantes de todas as idades agora têm um recurso confiável e fidedigno para usar ao avaliar a filosofia ocidental de um ponto de vista cristão. A perspectiva predominante da

sala de aula secular será desafiada conforme a obra de Frame ganhar maior projeção nesta geração.

Rod Mays, pastor executivo da Mitchell Road Presbyterian Church, Greenville, Carolina do Sul, Estados Unidos, e ex-coordenador nacional da Reformed University Fellowship.

Esse livro me traz novamente memórias de minha própria iniciação na filosofia por meio da tradição que John Frame sintetiza. Eu fui abençoada por ouvir muito dela como sua aluna. Não surpreende que eu sempre tenha pensado que filosofar era uma decorrência necessária do discipulado cristão. De fato, ser humano é ser filosófico. Compreender as coisas filosoficamente melhora o nosso envolvimento com todas as coisas — humanidade, criação e cultura, incluindo o fazer teologia cristã. Trata-se de levar a sério o mundo onde as ideias sempre têm consequências e de responder a ele de maneira responsável. Esse livro bem-concebido nos ajuda a entender John Frame filosoficamente, bem como, espero, a provocar muitos a se lançarem na filosofia. O espanto nos chama; o espanto, na sabedoria, nos espera, e o amor pela sabedoria se prova ser o amor por Deus. Neste mundo, do qual ele é Senhor, devemos esperar encontrar a verdade em todos os lugares. Onde quer que a encontremos, podemos considerar aquela verdade sendo de Deus (algo que eu também aprendi com John Frame).

Esther Lightcap Meek, professora de filosofia da Geneva College, Beaver Falls, Pennsylvania, Estados Unidos.

A mera magnitude, o escopo e a erudição desse volume são de tirar o fôlego. Praticamente todos os aspectos da filosofia cristã e secular, e da teologia, desde o período grego clássico até os tempos atuais, estão esquematizados em detalhes meticulosos e com uma documentação generosa. Não resta dúvida de que a análise arguta da condição humana, feita pelo professor Frame, e sua investigação das tentativas históricas de resolvê-la vão demandar atenção, tanto como uma enciclopédia de informações quanto como um guia prático de como viver a vida à luz da revelação de Deus através de sua Palavra escrita.

Eugene H. Merrill, professor emérito ilustre de Estudos de Antigo Testamento do Dallas Theological Seminary.

A civilização ocidental está atravessando um período memorável que poderá ser lembrado, pelos futuros historiadores, como um marco na áspera jornada rumo a um lugar em que jamais estivemos antes. Os cristãos, bem como os observadores reflexivos de todas as tradições e fés, precisarão de um guia fiel para ajudá-los a entender os movimentos filosóficos que os moveram. O Dr. John Frame é altamente qualificado para ser esse guia. O notório teólogo é também um filósofo de primeira classe e um estudioso de filosofia. Sou muito grato, portanto, de saber do novo livro

do Dr. Frame *História da filosofia e da teologia ocidental*. Recomendo essa nova obra para a igreja — e para além dela — não apenas como um bom livro para ser lido, mas como um texto confiável para o estudo e uma espada robusta para empunhar na disputa crucial pelas mentes dos homens que acontece hoje.

Michael A. Milton, presidente da Faith for Living, Inc. e chanceler emérito do Reformed Theological Seminary.

Com mais de quarenta e cinco anos de estudos em teologia, apologética e filosofia, Frame oferece ao leitor uma obra bem-acabada sobre filosofia a partir de uma perspectiva definitivamente reformada. Esse manual de filosofia defende a fé cristã. O professor de filosofia/teologia encontra uma obra inestimável — incluindo seus guias de estudo, bibliografias extensas, listas de aulas gratuitas em áudio e links para importantes citações. O estudante da Escritura e da filosofia encontra uma obra detalhada e estimulante, e estará mais bem capacitado para defender e viver a fé cristã depois de tomar parte da extensa obra de Frame e digeri-la. Frame oferece um excelente panorama dos filósofos e seus pensamentos, desde o princípio até os dias atuais. Além disso, ele pega ideias filosóficas robustas e as simplifica para o estudioso médio de filosofia. Ele faz isso com um estilo de escrita claro e inequívoco que é prazeroso de ler. Em geral, o livro oferece uma riqueza de conhecimentos, sem jamais atolar nas descrições sem vida ou nas informações irrelevantes.

Joseph R. Nally, editor teológico do Third Millenium Ministries.

John Frame conseguiu outra vez! Esse livro é o melhor de dois mundos, em dois sentidos: uma ótima história da filosofia, visto que suprida pela boa teologia; uma ótima história da teologia, visto que suprida pela boa filosofia. Esse livro é também criativo, em termos pedagógicos. O que mais um cristão pode querer? Se você o ler, você aprenderá muito e fará muito. Quantos livros espetaculares se escondem nesse homem?

David Naugle, professor universitário ilustre, catedrático e professor de Filosofia do Dallas Baptist University.

Se os ataques a cristãos nos Estados Unidos crescerem, também crescerão o que John Frame chama de “tentativa de tornar o cristianismo intelectualmente respeitável”. Ele está correto em pensar que isso ignora nossa repressão pecaminosa da verdade e nossa necessidade de receber de Deus um novo coração e uma nova mente — e ele mostra, nesse livro, como filosofias que enaltecem a racionalidade autônoma ou a irracionalidade existencial tomaram um rumo errado. Graduandos e pós-graduandos de filosofia, bem como a maioria dos seminaristas e milhões de pessoas impactadas excessivamente por platônicos e barthianos precisam desse livro.

Marvin Olasky, editor-chefe da WORLD magazine.

John Frame conseguiu de novo! No estilo lúcido e abrangente dos volumes de sua *Teologia sistemática*, ele apresenta um panorama completo do pensamento ocidental sobre o conhecimento de Deus da forma como ele deve figurar para todo aquele que, como ele, abraça a Sagrada Escritura como o registro, produto e realidade atual do Deus que fala. E o lustre sólido da narrativa faz dela uma defesa efetiva da perspectiva de Kuyper-Van Til que, de forma bem digerida, ela representa. É mais uma realização formidável de John Frame. O livro merece amplo uso como manual, e espero que o alcance. Minha admiração pela obra de John cresce a cada dia.

J. I. Packer, professor de teologia do Conselho Diretor do Regent College, Vancouver, British Columbia, Canadá.

O apóstolo Paulo disse a Timóteo para despertar o dom que havia nele. O professor John Frame dedicou uma vida inteira a despertar o seu dom complementar de perscrutar a filosofia ocidental, desvelando suas dimensões religiosas e fazendo as pontes entre o especialista e o leigo para produzir, em *História da filosofia e da teologia ocidental*, um volume prático para lidar com a guerra espiritual.

Andrée Seu Peterson, escritora sênior da WORLD magazine.

Poucos em nossos dias defendem, como John Frame, uma visão de Deus tão sólida, grandiosa e bíblica. Durante décadas ele se dedicou à igreja, aos seus alunos, à reflexão meticulosa e ao estudo rigoroso da Bíblia. Ele defendeu o evangelho de maneira sábia, paciente e persuasiva na arena filosófica secular, bem como no tumulto das guerras de adoração na igreja e nas disputas com o feminismo e o teísmo aberto. Ele conjuga uma rara mistura de pensamento abrangente, reflexão judiciosa, fidelidade bíblica, um amor pelo evangelho e pela igreja e a habilidade de escrever com cuidado e clareza.

John Piper, fundador e professor do ministério desiringGod.org e chanceler do Bethlehem College and Seminary.

Esse é o livro mais importante já escrito sobre as principais figuras e correntes da filosofia. Estávamos precisando de um guia sólido, e agora temos. A filosofia tem muitas ideias e sistemas que são atraentes, porém venenosos. Ao longo dos séculos, as pessoas foram vitimadas inúmeras vezes. Frame separa o bom do mau com clareza e destreza, usando o prumo da Escritura. No caminho, ele também apresenta uma crítica devastadora das teologias liberais, demonstrando que, no fundo, são filosofias da autonomia humana mascaradas de modalidades de cristianismo.

Vern S. Poythress, professor de Hermenêutica do Novo Testamento do Westminster Theological Seminary e editor do Westminster Theological Journal.

Qualquer um familiarizado com a obra de John Frame espera que seus livros desafiem pressupostos de longa data e avance nas discussões de maneiras criativas.

Esse livro não irá desapontar. John demonstra sua perícia de filósofo e sua devoção à Escritura como o padrão pelo qual todas as filosofias devem ser avaliadas. Para encontrar a relevância das discussões filosóficas, ele aponta para caminhos antigos que são seguros e abre novos caminhos aos acadêmicos, estudantes e leigos igualmente entusiasmados.

Richard L. Pratt Jr., presidente do Third Millennium Ministries.

John Frame inicia seu estudo da filosofia ocidental e da teologia com uma citação sobre o “temor do Senhor”, do livro bíblico de Provérbios. Poucos historiadores intelectuais na ativa hoje personificam melhor do que ele uma posição bíblica sagaz acerca da produção filosófica e teológica do mundo ocidental. Nessa obra, Frame oferece à sua audiência uma rica fonte na forma de um testemunho firme, profundo e fiel do desenvolvimento das grandes ideias que povoam tantos discursos no Ocidente e mundo afora. O que é mais impressionante, entretanto, é que Frame não finge objetividade, como tantos outros, mas trata de seus temas a partir de uma perspectiva cristã, avaliando cada um segundo o ensino da Escritura.

John Scott Redd Jr., presidente e professor adjunto de Novo Testamento do Reformed Theological Seminary, Washington, D.C., Estados Unidos.

Para muitos cristãos, a filosofia denota pouco mais do que o exercício da especulação autônoma. Vista apenas em termos negativos, toda a empreitada filosófica acaba sendo rejeitada sumariamente. Embora muito mais capaz do que a maioria para identificar e lidar com os pressupostos não cristãos que regem boa parte da filosofia ocidental, o professor Frame não é desdenhoso nem ingrato. Pelo contrário, Frame lida de forma encantadora com os maiores filósofos da tradição ocidental e os problemas fundamentais que eles levantam. Ele demonstra profunda familiaridade com a história da filosofia, uma consciência crítica das correntes que impactam o desenvolvimento teológico e uma submissão humilde à Palavra de Deus, servindo, assim, para exemplificar como o compromisso profundo de “pensar conforme os pensamentos de Deus” é benéfico para a manutenção e defesa do evangelho hoje. Para muitos estudantes (e não poucos professores), *História da filosofia e da teologia ocidental*, de John Frame, servirá como um mapa confiável para o terreno inexplorado da metafísica, epistemologia, axiologia e teologia liberal. Para outros, servirá como vara de esteio, capacitando o cristão, homem ou mulher, a adentrar novamente na discussão filosófica, manter o equilíbrio e até mesmo superar formas perigosas de incredulidade. Fico contente por essa obra e estou ansioso para indicá-la a alunos de teologia e outros que carecem de fundações filosóficas.

Mark P. Ryan, professor adjunto de Religião e Cultura do Covenant Theological Seminary e diretor do Francis A. Schaeffer Institute.

Se a série da teologia do senhorio de Frame é sua *magnum opus*, a presente obra talvez seja a coroação. Trata-se de uma investigação notavelmente extensa para um volume único, e o conhecimento dos filósofos e das escolas filosóficas que Frame possui é amplo, profundo, célere e analítico. E, mais importante, seu fundamento inexpugnável na cosmovisão cristã (bíblica!) garante que ele ofereça, a partir dessa perspectiva distintamente cristã, uma análise completa e perspicaz, e uma crítica de cada filósofo de maior vulto na tradição ocidental. Na verdade, isso nunca foi feito antes, embora muitos ótimos livros cristãos que lidam com a filosofia tenham sido escritos. O que Frame fez foi avaliar o cânone fundamental inteiro da filosofia ocidental a partir de um ponto de vista rigorosamente bíblico. Isso simplesmente não tem precedentes.

P. Andrew Sandlin, presidente do Center for Cultural Leadership, Coulterville, Califórnia, Estados Unidos.

Não apenas o cristão nominal de nossa era moderna procura evitar os escritos filosóficos e teológicos, como, em grande parte, boa parte desse universo busca rejeitar todo pensamento analítico a partir de uma perspectiva cristã. Esse mundo está impregnado dos ditos acadêmicos que não têm nenhum entendimento da importância da filosofia e da teologia no desenvolvimento do cristianismo e no contexto de nossa sociedade moderna. Isso simplesmente não deveria acontecer com cristãos bíblicos que desejam colocar todas as coisas sob os direitos reais do Rei Jesus. A fim de que os cristãos possam entender corretamente a origem e o desenvolvimento da civilização, um estudo tanto da filosofia quanto da teologia em seus contextos é fundamental, em especial para aqueles que desejam se tornar defensores prolíficos para o reino de Cristo. Nesse volume, o Dr. Frame arremata uma análise sólida do desenvolvimento do pensamento ocidental a partir de uma perspectiva marcadamente cristã e verifica seu impacto sobre o homem. Seu objetivo é expor o fato de que aquilo que o homem está enfrentando não é nada menos do que uma guerra espiritual na vida da sociedade ocidental. Se o cristianismo deve levar cativas todas as coisas pela causa de Cristo, então o estudo desse livro é um ótimo lugar para todo pastor, acadêmico e cristão começar!

Kenneth Talbot, presidente do Whitefield College and Theological Seminary.

Muitos cristãos, nos dias atuais, entendem erroneamente a filosofia como um empreendimento esotérico irrelevante para a teologia e o discipulado cristão. Mas Colossenses 2.8, entre outros versículos, sugerem que precisamos aprender a discernir as formas com que as filosofias humanas podem ser enganosas, vazias e sedutoras. Além disso, indicam que existe de fato uma “filosofia [...] de acordo com Cristo”. Nessa investigação fascinante, John Frame nos conduz pela história da filosofia para mostrar as várias formas com que as filosofias seculares e os esforços filosóficos cristãos deficitários

mostram tanto sinais de irracionalismo quanto de racionalismo. O resultado é não apenas um panorama histórico das figuras principais e suas filosofias, mas também um modelo de como integrar a filosofia e a teologia de forma a honrar o Senhor, levando cativo todo pensamento para que possamos obedecer a Cristo e nos submeter ao seu senhorio (2Co 10.5). Muito recomendado!

Justin Taylor, vice-presidente sênior e editor de livros da Crossway.

Entender corretamente o relacionamento entre teologia e filosofia é vital se vamos praticar qualquer uma delas de forma adequada. *História da filosofia e da teologia ocidental*, de John Frame, oferece uma enorme ajuda nesse entendimento. Nós nunca pensamos em um vácuo histórico, somos profundamente moldados por nosso contexto e nossos predecessores. Esse livro nos ajuda a nos localizarmos na história, de forma que estejamos mais conscientes de nossos pontos cegos e tendências ao erro. Essa interpretação da história é explicitamente evangélica, o que eu acho renovador, útil e honesto. Frame demonstra, de forma incrível, que pensar de forma cristã faz muito sentido. Mais uma vez seu conhecimento intelectual prestou um grande serviço à igreja e à academia, trazendo maior clareza para o nosso entendimento das questões mais importantes da vida.

Erik Thoennes, professor de Teologia e catedrático de graduação teológica na Biola University/Talbot School of Theology, pastor na Grace Evangelical Free Church, La Miranda, Califórnia, Estados Unidos.

Servindo-se tanto de sua experiência em filosofia e teologia quanto de seus quarenta e cinco anos de leitura, reflexão e ensino, o professor Frame oferece uma história da filosofia e da teologia ocidental tão estimulante quanto informativa. Sua síntese do pensamento de pensadores substanciais em ambas as disciplinas, no curso do último milênio (à exceção dos pensadores Católicos Romanos e Ortodoxos Orientais), é um presente maravilhoso para a igreja. Seu tomo será uma bênção especial para aspirantes a historiadores, filósofos, teólogos e apologetas da fé cristã. São eles que estão em busca de uma porta de entrada nas áreas conexas entre a filosofia e a teologia e carentes de uma análise bíblica confiável e perspicaz dessas disciplinas correlatas. A espera terminou. Aqui, eles têm o mapeamento indispensável para auxiliá-los, conforme iniciam ou tentam compreender a jornada.

Definindo *filosofia* como “o esforço disciplinado de articular e defender uma cosmovisão [também conhecida como *metanarrativa*]”, e argumentando, com base naquela que se encontra na Escritura, a favor das credenciais filosóficas da teologia (“a aplicação da Palavra de Deus, por parte das pessoas, a todos os aspectos da vida humana”), o professor Frame propõe a visão de que as duas disciplinas são distintas, mas “profundamente interdependentes”. Contudo, em vez de seguir a noção, que se originou com Filo, o judeu, de que a filosofia é a serva da teologia, ele oferece uma

visão bíblica da filosofia — uma visão na qual a revelação escriturística é fundacional, tanto como a substância quanto como o discernimento da verdadeira filosofia. Nesse entendimento, a Escritura não precisa de uma mãozinha da filosofia, pois aquela governa esta, quando seguida corretamente.

Amparam essa visão os distintivos conhecidos do método teológico do professor Frame: a supremacia do senhorio de Deus, a aplicação consistente do seu “algo próximo de biblicismo”, pressuposicionalismo e triperspectivismo (visto nas três subdivisões da filosofia: metafísica, epistemologia e sua teoria do valor). A aplicação desses distintivos à história da filosofia e da teologia ocidental fazem do professor Frame tanto um narrador atraente quanto um questionador lúcido da pretensão do homem de uma conceitualização “autônoma” do mundo.

Acrescente-se a tudo isso o guia de estudos acessível, os glossários e as bibliografias, a mais recente lista de recursos online e links para citações famosas, e temos à mão um tomo que muitos de nós desejaríamos, sem dúvida, que estivesse disponível quando nos aplicamos com seriedade aos nossos estudos. Que Deus abençoe essa obra não apenas para o investigador pessoal atrás da verdade, mas para cumprir o desejo manifesto do professor Frame — um novo grau de respeito pelo cristianismo evangélico, pela Bíblia e por Cristo!

Tim J. R. Trumper, pastor sênior da Seventh Reformed Church, Grand Rapids, Michigan, Estados Unidos.

Essa é uma excelente introdução que investiga a história do pensamento cristão a partir de uma ampla perspectiva cristã e vantilianiana. De especial valia são os conflitos espirituais que Frame identifica em cada era e domínio do pensamento da cosmovisão ocidental, desde os gregos antigos até os pós-modernos atuais. Aqueles que lerem e digerirem a obra de Frame crescerão em sabedoria e, pela graça de Deus, evitarão o destino de repetir erros antigos.

Kevin J. Vanhoozer, professor pesquisador de Teologia Sistemática da Trinity Evangelical Divinity School.

Como vai sua vida reflexiva? Sim, a Escritura se preocupa com pensamentos impuros, mas e quanto à sua maneira de pensar? E quanto à enxurrada de pensamentos enganosos? A Escritura alerta contra o engano, especialmente o autoengano. Esse é, em especial, o fardo de Paulo com os colossenses e laodicenses, cristãos que foram “feitos cativos” por meio de filosofia enraizada não em Cristo, o divino e notável Criador, mas, sim, em algum aspecto da criação, seja na mente do homem, suas tradições, seus argumentos humanamente plausíveis, porém falaciosos, seja em algum sistema pagão materialista ou gnóstico. Esse cativo suscita consequências no mundo real: roubam dos cristãos o ânimo, o amor, a segurança, o entendimento e o conhecimento da “realidade real”. Como podemos combater esse tipo de inimigo

intelectual ludibriador que, de forma astuta, não usa armas e bazucas? Colocando botas intelectuais no chão. Mas, como muitos oficiais militares experientes sabem, não se pode colocar botas no chão em uma área de risco sem primeiro conhecer e compreender o terreno. John Frame serviu mais uma vez o corpo de Cristo de forma brilhante ao oferecer um tratamento novo, convincente, robusto, informativo, lúcido, acessível, panorâmico, prático, firme, fiel, doxológico, honesto e histórico da filosofia e da teologia — boas, más e às vezes feias. Tudo isso visando juntar-se à luta de Paulo, bem como ampará-la, em favor daqueles que talvez ele não tenha visto face a face, mas que anseia por ver alicerçados de forma mais firme em Cristo. Esse volume já é indispensável, e o será ainda mais conforme as ondas pós-modernas infectam e enganam a igreja. Contudo, repare bem: essa não é uma obra para teólogos profissionais, embora eles certamente possam se beneficiar dela; tampouco é uma obra apenas para o “serviço espiritual” da igreja, embora seja benéfica para todas as facetas da “vida da igreja”. Trata-se de uma obra para todo cristão, que é salvo de alguma coisa e para alguma coisa, vivendo no mundo de Deus. Esse volume lhes mostra como pensar com fidelidade no mundo redimido de Deus, de forma que eles realmente levarão todo pensamento cativo em obediência a Cristo — e isso não é uma sugestão, é uma ordem. Essa obra facilita, de forma maravilhosa, o seguir a Cristo, o qual deve ser proeminente em todas as coisas, inclusive em nossa vida reflexiva.

Jeffery J. Ventrella, conselheiro sênior e vice-presidente sênior da Alliance Defending Freedom.

O apologeta cristão Cornelius Van Til foi pioneiro na estratégia de discernir uma “dialética racionalista/irracionalista” nas diversas alternativas seculares à fé cristã, mas ele nunca escreveu uma história abrangente da filosofia que buscasse provar sua ideia. John Frame, agora, o realizou. Nesse volume, o universo evangélico, por fim, encontra uma história contemporânea da filosofia escrita de uma perspectiva explicitamente cristã, excepcional em sua clareza e organização e que *capta corretamente os detalhes*. Eu me deparei com o vasto esquema filosófico de Frame, pela primeira vez, quando fui seu aluno de pós-graduação no início dos anos 90, e eu sempre me perguntei quando esses esforços apaixonados encontrariam a ampla audiência que generosamente merecem. Embora seja impossível oferecer, em um volume (mesmo desse tamanho!), uma exposição e avaliação de cada pensador de vulto da história intelectual, as sínteses detalhadas e as análises incisivas de Frame inspiram a imaginação, de forma contínua, a considerar o que seria uma *alternativa* cristã genuína ao pensador em questão. Os leitores precisarão, por certo, continuar o trabalho duro que Frame começou por conta própria — o árduo trabalho de realmente defender a alternativa cristã. Mas, com frequência, o próprio plantio das sementes — sementes da dúvida sobre a idolatria, sementes da fé no Criador triúno, no Mantenedor divino e no Redentor — é o necessário para deflagrar esse processo nos leitores cristãos disciplinados, atentos e reflexivos, e Frame semeia esses grãos amiúde. Eu oro para

que essa *magnum opus* filosófica encontre uma audiência ampla entre estudantes universitários e seminaristas, que precisam, com urgência, dessas sínteses precisas que não distorcem as fontes primárias nem se acovarda ao articular os contrastes essenciais entre os filósofos influentes e as ideias bíblicas centrais.

Greg Welty, professor adjunto de Filosofia e coordenador do curso M.A. em Filosofia da Religião do Southeastern Baptist Theological Seminary.

História da filosofia e da teologia ocidental, de John Frame, deveria ser um recurso indispensável para acadêmicos, pastores, ministros de *campus* e líderes leigos cristãos. Existem tomos inteiros sobre teologia e filosofia, mas é raro um volume que lida de forma clara e franca com ambas. Não só isso, mas, como demonstra o Dr. Frame, que é extraordinariamente capacitado em cada uma das disciplinas, elas são interdependentes. Um ponto forte desse volume é que ele dedica uma grande atenção ao período moderno, que tem sido tão desafiador para muitos cristãos que enfrentam enormes dificuldades para compreender o pensamento secular e responder a ele, em especial da maneira que se desenvolveu no século vinte. Seu profundo conhecimento, aliado a uma inclinação pastoral, distingue seus livros dos escritos teológicos comuns. Essa pode bem ser a sua melhor obra.

Luder G. Whitlock Jr., presidente emérito do Reformed Theological Seminary, Orlando, Estados Unidos.

Em memória de
Cornelius Van Til
(1895-1987)

“O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria; todos os que o praticam têm um bom entendimento. Seu louvor dura para sempre!” (Sl 111.10).

“Meu filho, se aceitares minhas palavras e guardares contigo meus mandamentos, fazendo teu ouvido atento à sabedoria e inclinando o coração ao entendimento; sim, se clamares por discernimento e levatares tua voz por entendimento; se o buscares como quem busca a prata e o procurares como quem procura tesouros escondidos; então entenderás o temor do SENHOR e acharás o conhecimento de Deus. Pois o SENHOR dá a sabedoria; da sua boca procedem o conhecimento e o entendimento; ele reserva para os justos a verdadeira sabedoria; ele é um escudo para os que caminham em integridade, guardando as veredas da justiça e protegendo o caminho dos seus santos. Então entenderás a retidão, a justiça, a equidade e todas as boas veredas. Pois a sabedoria entrará no teu coração, e o conhecimento será agradável para a tua alma; a discrição te protegerá, e o discernimento te guardará, te livrando do mau caminho, dos homens com discurso perverso que abandonaram as veredas da retidão para andar pelos caminhos das trevas, que se alegram em praticar o mal e sentem prazer na perversidade dos maus; homens cujas veredas são tortuosas e que se desviam do seu caminho.” (Pv 2.1-15).

“Confia no SENHOR de todo o coração, e não no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará tuas veredas.” (Pv 3.5-6).

“E, chegando à sua cidade, [Jesus] passou a ensiná-los na sinagoga, de modo que eles se maravilhavam e diziam: ‘De onde esse homem obteve essa sabedoria e esses poderes miraculosos?’” (Mt 13.54).

“Ó profundidade da riqueza, da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! “Pois, quem conheceu a mente do Senhor? Quem se tornou seu conselheiro? Quem primeiro lhe deu alguma coisa, para que lhe seja recompensado?” Porque todas as coisas são dele, por ele e para ele. A ele seja a glória eternamente! Amém.” (Rm 11.33-36).

“Pois a palavra da cruz é insensatez para os que estão perecendo, mas, para nós, que estamos sendo salvos, é o poder de Deus. Pois está escrito: “Destruirei a sabedoria dos sábios e anularei a inteligência dos inteligentes”. Onde está o sábio? Onde está o instruído? Onde está o questionador desta era? Por acaso Deus não tornou absurda a lógica deste mundo? Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprovou a Deus salvar os que creem por meio do absurdo da pregação. Pois os judeus pedem sinais, e os gregos buscam sabedoria, mas nós pregamos Cristo crucificado, que é pedra de tropeço para os judeus e loucura para os gentios, mas, para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder de Deus e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte que os homens. Irmãos, observai o vosso chamado: não éreis muitos de vós sábios segundo critérios humanos, nem muitos poderosos, nem muitos nobres. Mas Deus escolheu as coisas absurdas do mundo para envergonhar os sábios; Deus escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes; Deus escolheu as coisas insignificantes e desprezadas do mundo, e até as que nada são para reduzir a nada as que são, a fim de que nenhum mortal se glorie na presença de Deus. E por causa dele vós estais em Cristo Jesus, o qual, da parte de Deus, se tornou para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção, para que, como está escrito: ‘Quem se gloriar, glorie-se no Senhor.’” (1Co 1.18-31).

“Contudo, entre os maduros, nós falamos de sabedoria, embora não seja uma sabedoria desta era, nem dos seus governantes, que estão fadados a desaparecer. Mas falamos de uma sabedoria secreta e misteriosa de Deus, a qual Deus preordenou antes dos séculos para nossa glória. Nenhum dos governantes desta era compreendeu isso, pois se o tivessem compreendido, não teriam crucificado o Senhor da glória. Mas, como está escrito: “As coisas que olhos não viram, nem ouvidos ouviram, nem foram imaginadas pelo coração humano, as que Deus preparou para os que o amam” — essas coisas, Deus revelou-as a nós pelo seu Espírito. Pois o Espírito examina todas as coisas, até mesmo as profundezas de Deus. Pois, quem conhece os pensamentos de alguém, senão o espírito daquela pessoa, que está nela? Assim também ninguém compreende os pensamentos de Deus, a não ser o Espírito de Deus. Não temos recebido o espírito do mundo, mas, sim, o Espírito que vem de Deus, a fim de compreendermos as coisas que nos foram dadas gratuitamente por Deus. E nós falamos dessas coisas, não com palavras

ensinadas pela sabedoria humana, mas, sim, pelo Espírito, interpretando verdades para os que são espirituais. O homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, pois lhe são absurdas; e não pode entendê-las, pois se compreendem espiritualmente. Aquele que é espiritual julga todas as coisas, ao passo que ele mesmo não é julgado por ninguém. “Pois, quem jamais conheceu a mente do Senhor para que possa instruí-lo?” Mas nós temos a mente de Cristo.” (1Co 2.6-16).

“Ninguém se engane. Se alguém dentre vós se considera sábio nesta era, que ele se torne tolo para vir a ser sábio. Porque a sabedoria deste mundo é tolice diante de Deus; pois está escrito: “Ele apanha os sábios na sua própria astúcia”; e ainda: “o Senhor conhece os pensamentos dos sábios, que são fúteis”. Portanto, ninguém se glorie nos homens, porque todas as coisas são vossas. Seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, a vida, a morte, as coisas presentes, as futuras — todas as coisas são vossas, e vós sois de Cristo, e Cristo, de Deus.” (1Co 3.18-23).

“Em [Cristo] estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento.” (Cl 2.3).

“Cuidai para que ninguém vos tome por presa por meio de filosofias e falácias vazias, segundo a tradição dos homens, conforme os espíritos elementares do mundo, e não de acordo com Cristo.” (Cl 2.8).

“Quem entre vós é sábio e tem conhecimento? Mostre suas obras pelo seu bom procedimento, em humildade de sabedoria. Mas se tendes inveja amarga e ambição egoísta no coração, não vos orgulheis, nem mintais contra a verdade. Essa não é a sabedoria que vem do alto, mas é terrena, animal e demoníaca. Pois onde há inveja e ambição egoísta, haverá confusão e todo tipo de práticas perversas. Mas a sabedoria que vem do alto é, em primeiro lugar, pura, depois pacífica, cortês, aberta à razão, cheia de misericórdia e de bons frutos, imparcial e sincera. O fruto da justiça semeia-se em paz para aqueles que promovem a paz.” (Tg 3.13-18).

SUMÁRIO

<i>Esboço analítico</i>	29
<i>Apresentação</i>	35
<i>Prefácio</i>	41
<i>Abreviações</i>	45
1. A filosofia e a Bíblia	49
2. Filosofia grega.....	105
3. Filosofia cristã antiga.....	159
4. Filosofia medieval	207
5. O pensamento da primeira modernidade.....	261
6. Teologia no Iluminismo.....	327
7. Kant e seus sucessores.....	375
8. Teologia do século 19.....	429
9. Nietzsche, o pragmatismo, a fenomenologia e o existencialismo.....	475
10. Teologia liberal do século 20 (parte 1).....	519
11. Teologia liberal do século 20 (parte 2).....	587
12. Filosofia da linguagem no século 20	647
13. Filosofia cristã contemporânea	711
Apêndices	795
Apêndice A: “Certeza”	799
Apêndice B: “Séries infinitas”	807
Apêndice C: “O argumento ontológico”	813
Apêndice D: “Argumentos transcendentais”.....	821
Apêndice E: “Determinismo, acaso e liberdade”	827

Apêndice F: “Afirmações autorrefutantes”	833
Apêndice G: “Conhecimento não regenerado de Deus”	837
Apêndice H: “Deus e a linguagem bíblica: transcendência e imanência”	847
Apêndice I: “A Escritura fala por si mesma”	871
Apêndice J: Resenha de <i>The legacy of logical positivism</i>	901
Apêndice K: Resenha de Dallas M. High, <i>New essays on religious language</i>	905
Apêndice L: Resenha de Paul Van Buren, <i>The edges of language</i>	913
Apêndice M: Resenha de Paul L. Holmer, <i>The grammar of faith</i>	923
Apêndice N: “Ogden sobre a teologia”	941
Apêndice O: Resenha de Paul Helm, <i>Belief policies</i>	951
Apêndice P: Resenha de Esther Lightcap Meek, <i>Longing to know</i>	961
Apêndice Q: “Cristianismo e epistemologia contemporânea”	967
Apêndice R: “Uma resposta a Gordon H. Clark”	987
Apêndice S: Resenha de Herbert Schlossberg, <i>Idols for destruction</i>	999
Apêndice T: “Van Til reexaminado”	1007
<i>Glossário</i>	1017
<i>Momentos decisivos na história da filosofia e da teologia</i>	1071
<i>Bibliografia anotada de textos filosóficos</i>	1077
<i>Bibliografia geral</i>	1083
<i>Créditos de imagens</i>	1141
<i>Índice remissivo</i>	1147
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	1173

ESBOÇO ANALÍTICO

1. A filosofia e a Bíblia
 - a. Por que estudar filosofia?
 - b. Filosofia, teologia e religião
 - c. Subdivisões da filosofia
 - i. Metafísica
 - ii. Epistemologia
 - iii. Teoria do valor
 - d. Relações entre das três subdivisões
 - e. Filosofia bíblica
 - i. Criador e criatura
 - ii. Tripersonalidade absoluta
 - iii. Senhorio
 - f. Perspectivas sobre o conhecimento humano
 - g. O pecado e a filosofia
 - h. A filosofia cristã e não cristã
 - i. A antítese na metafísica
 - j. A antítese na epistemologia
 - k. A antítese em valores

2. Filosofia grega
 - a. Cosmologias gregas: uma e múltiplas
 - b. O modo grego de adoração
 - c. Filosofia, a nova religião
 - d. Uma investigação da filosofia grega
 - i. A escola de Mileto
 - ii. Heráclito
 - iii. Parmênides
 - iv. Os atomistas
 - v. Pitágoras

- vi. Os sofistas
 - vii. Sócrates
 - viii. Platão
 - ix. Aristóteles
 - x. O estoicismo
 - xi. Plotino
 - e. Conclusão
3. Filosofia cristã antiga
- a. Os Pais Apostólicos
 - b. Os Apologetas
 - c. Justino Mártir
 - d. Irineu
 - e. Tertuliano
 - f. Clemente de Alexandria
 - g. Orígenes
 - h. Atanásio
 - i. Agostinho
 - i. Maniqueísmo
 - ii. Epistemologia
 - iii. A Trindade
 - iv. Pelagianismo
 - v. *A cidade de Deus*
 - vi. *As Confissões*
4. Filosofia medieval
- a. Boécio
 - b. Pseudo-Dionísio
 - c. João Escoto Erígena
 - d. Anselmo de Cantuária
 - i. Fé e razão
 - ii. *Monologium*
 - iii. *Proslogium*
 - iv. *Cur Deus Homo*
 - e. Rumo ao escolasticismo
 - f. Tomás de Aquino
 - i. Fé e razão

- ii. A existência de Deus
 - iii. A natureza de Deus
 - iv. Epistemologia
 - v. Linguagem
 - g. João Duns Escoto
 - h. Guilherme de Occam
 - i. Eckhart von Hochheim
 - j. Epílogo
5. O pensamento da primeira modernidade
- a. A Renascença
 - b. A Reforma
 - i. Martinho Lutero
 - ii. João Calvino
 - c. O protestantismo da pós-reforma
 - i. Escolasticismo protestante
 - ii. Pietismo
 - d. Renascimento da filosofia secular
 - e. Racionalismo continental
 - i. Racionalismo e empirismo
 - ii. René Descartes
 - iii. Baruch (Benedito) Espinosa
 - iv. Gottfried Wilhelm Leibniz
 - f. Empirismo britânico
 - i. Thomas Hobbes
 - ii. John Locke
 - iii. George Berkeley
 - iv. David Hume
 - g. Resumo
6. Teologia no Iluminismo
- a. O nascimento da teologia liberal
 - i. O deísmo
 - ii. Gotthold E. Lessing
 - b. O cristianismo bíblico no Iluminismo
 - i. Blaise Pascal
 - ii. Joseph Butler

- iii. Jonathan Edwards
 - iv. William Paley
 - v. Thomas Reid
 - c. Resumo
7. Kant e seus sucessores
- a. Immanuel Kant
 - i. Fenômeno e númeno
 - ii. O método transcendental
 - iii. Os sintéticos *a priori*
 - iv. A experiência das estruturas mentais
 - v. A linha de montagem de Kant
 - 1. A estética transcendental
 - 2. A analítica transcendental
 - 3. A apercepção transcendental
 - 4. A dialética transcendental
 - a. Paralogismos
 - b. Antinomismos
 - c. Ideais
 - vi. A ética de Kant
 - vii. A teologia de Kant
 - viii. Conclusões sobre Kant
 - b. George W. F. Hegel
 - c. Arthur Schopenhauer
 - d. Ludwig Feuerbach
 - e. Karl Marx
8. Teologia do século 19
- a. Friedrich D. E. Schleiermacher
 - b. Albrecht Ritschl
 - c. Wilhelm Herrmann
 - d. Adolf von Harnack
 - e. Ascensão e queda do Ritschlianismo
 - f. Søren Kierkegaard
9. Nietzsche, o pragmatismo, a fenomenologia e o existencialismo
- a. Friedrich W. Nietzsche

- b. Charles Sanders Peirce
 - c. William James
 - d. John Dewey
 - e. Edmund Husserl
 - f. Martin Heidegger
 - g. Jean-Paul Sartre
 - h. Outros existencialistas
 - i. Avaliação
10. Teologia liberal do século 20 (parte 1)
- a. Karl Barth
 - b. Emil Brunner
 - c. Rudolf Bultmann
 - i. Crítica da forma
 - ii. Desmitologização
 - iii. Análise existencial
 - d. Paul Tillich
 - e. Dietrich Bonhoeffer
 - f. A nova hermenêutica
 - g. Novas buscas
 - h. *Heilsgeschichte*
 - i. Ateísmo cristão
 - j. Teologia secular
 - k. *A Declaração de Hartford*
11. Teologia liberal do século 20 (parte 2)
- a. Jürgen Moltmann
 - b. A teologia da libertação
 - c. Wolfhart Pannenberg
 - d. Pensamento do processo
 - e. Teísmo aberto
 - f. Teologia pós-liberal
12. Filosofia da linguagem no século 20
- a. G. E. Moore
 - b. Bertrand Russell
 - c. Ludwig Wittgenstein

- d. Positivismo lógico
 - e. Outras filosofias da ciência
 - f. Filosofia da linguagem comum
 - g. Outros filósofos analíticos
 - h. Estruturalismo
 - i. Pós-estruturalismo, desconstrução e pós-modernismo
13. Filosofia cristã contemporânea
- a. Abraham Kuyper
 - b. Herman Dooyeweerd
 - c. Gordon H. Clark
 - d. Cornelius Van Til
 - e. Alvin Plantinga
 - f. Outros filósofos cristãos de análise da linguagem nos Estados Unidos
 - g. Filósofos cristãos britânicos
 - h. Eugen Rosenstock-Huussy
 - i. Ortodoxia radical
 - j. Esther Lightcap Meek
 - k. Vern S. Poythress
 - l. Epílogo

APRESENTAÇÃO

Transformações intelectuais acontecem em ritmos diferentes. Não é comum uma transformação intelectual transcorrer na velocidade com que se vem experimentando nas sociedades ocidentais contemporâneas e no restante do mundo, à medida que ele é influenciado pelo Ocidente. Essa mudança ocorre sob observação geral, a ponto de ser em grande parte mal compreendida e bastante subestimada.

Algumas vozes proféticas reconheceram a escala e o alcance das transformações intelectuais que têm se processado no Ocidente. Francis Schaeffer, por exemplo, passou a maior parte de seu ministério instruindo cristãos sobre a mudança na cosmovisão que estava ocorrendo à sua volta, em que a maioria das pessoas transitava de uma cosmovisão cristã vaga para uma plenamente secular. Essa nova cosmovisão era baseada na ideia de que a realidade última é uma matéria ou energia impessoal constituída em sua presente forma pelo acaso impessoal.

Schaeffer observou com relevância que os cristãos de seu tempo não viam essa nova cosmovisão assumindo o lugar da cosmovisão cristã, que até então dominara as culturas europeia e americana, seja através de convicção pessoal, seja por meio da força cultural. Essas duas cosmovisões, uma cristã em sentido amplo e a outra parcamente deísta, estavam em plena antítese uma à outra quanto ao seu conteúdo e seus resultados naturais. Essas maneiras opostas de ver o mundo levariam a convicções discrepantes sobre temas que vão do aborto à sexualidade, da economia à política, e que incluem leis e políticas públicas.

Em 1983, Carl F. H. Henry, escrevendo apenas alguns anos depois que Schaeffer apontou essa mudança de cosmovisão, descreveu a situação e as futuras possibilidades em termos de uma dicotomia estrita:

Para que a cultura moderna escape do ostracismo que engoliu as civilizações humanas anteriores, o resgate da vontade do Deus autorrevelado no reino

da justiça e da lei é um imperativo crucial. O retorno aos equívocos pagãos de governantes divinizados ou de um cosmo divinizado, ou uma concepção de lei natural ou leis naturais semicristãs, levará, inevitavelmente, à frustração. Nem todos os argumentos em favor de uma autoridade transcendente servem, de fato, a Deus ou ao homem. Ao elevar a lei, os direitos humanos e o bem-estar à condição soberana, toda a sorte de líderes humanos assume, de forma ávida, o papel do divino, e obscurece o Deus vivo da revelação da Escritura. As alternativas são claras: ou voltamos para o Deus da Bíblia ou perecemos no fosso da injustiça.¹

Quando, em 1976, Henry publicou *God, revelation, and authority*, o primeiro volume de sua *magnum opus*, abriu com esta primeira linha: “Nenhum fato da vida ocidental contemporânea é mais evidente do que a crescente desconfiança de uma verdade última e seu questionamento implacável de qualquer palavra certa”.² Esse obstáculo para retornar à autoridade de uma cosmovisão cristã é, na verdade, parte de um círculo vicioso que se inicia com o afastamento, no mínimo, de uma noção cultural da autoridade revelada de Deus: o abandono de uma cosmovisão cristã conduz a uma desconfiança da verdade última e a uma rejeição da autoridade universal, as quais bloqueiam, por sua vez, o caminho de volta ao Deus da Bíblia.

A rejeição da autoridade bíblica conduz, invariavelmente, à secularização da sociedade. “Secular”, nos termos do diálogo intelectual e sociológico contemporâneo, se refere à ausência de qualquer autoridade ou crença teísta vinculante. Trata-se tanto de uma ideologia quanto de um resultado. A *secularização* não é uma ideologia; é uma teoria e um processo sociológico pelo qual as sociedades se tornam menos teístas conforme se tornam mais modernas. Ao passo em que as sociedades adentram condições de modernidade mais profundas e progressistas, elas se afastam de situações em que existe uma força vinculante de crença religiosa, em particular de uma crença teísta. Essas sociedades tornam-se contextos nos quais a crença e a autoridade teísta subsistem cada vez menos, até que mal persista a memória de que uma autoridade impreterível assim tenha um dia existido. A cultura ocidental se

¹Carl F. H. Henry, *God, revelation, and authority* (Wheaton: Crossway, 1999), vol. 6: *God who stands and stays*, parte 2, p. 454.

²Ibidem, vol. 1: *God who speaks and shows, Preliminary considerations*, p. 1 [publicado em português por Hagnos sob o título *Deus, revelação e autoridade*].

secularizou para além da autoridade do Deus da Bíblia e quase para além da memória dessa autoridade.

O problema da autoridade é um problema de crença. Em seu livro *The secular age*, o filósofo canadense Charles Taylor atesta a realidade do problema da crença na civilização ocidental com três conjuntos de condições intelectuais, autoconscientes ou não. Sobre o problema de Deus, Taylor traça três épocas intelectuais no Ocidente: a impossibilidade pré-iluminista da descrença; a possibilidade pós-iluminista da descrença; a *impossibilidade* da crença na modernidade tardia.³

Após o Iluminismo, as condições intelectuais do Ocidente se transformaram de modo a tornar possível que alguém não acreditasse em Deus. Durante a maior parte da experiência humana na civilização ocidental, foi impossível não acreditar em Deus. Isso não significa que todos fossem individualmente cristãos, ou que todos tiveram experiências de conversão e fossem cristãos regenerados. Não significa, ainda, que não havia céticos ou hereges. Antes do Iluminismo, contudo, ninguém poderia explicar o mundo sem a Bíblia e sua história. Não havia uma explicação alternativa sobre o surgimento do mundo. Não havia uma cosmovisão naturalista disponível para as pessoas que viveram na civilização ocidental ao longo da maior parte de seus séculos. Até que Charles Darwin tivesse apresentado uma alternativa ao Gênesis, a cosmovisão cristã predominou sem um rival à altura. Era impossível não crer: era impossível explicar a vida, desde a ordem do universo até a justiça entre dois indivíduos, sem referência explícita à verdade revelada.

Mas essa situação mudou com o Iluminismo e a disponibilidade de cosmovisões alternativas por meio das quais se pudesse construir uma explicação abrangente do mundo, em detrimento da cosmovisão cristã. Qualquer cosmovisão precisa responder a pelo menos quatro questões centrais: Por que existe algo, em vez de nada? O que aconteceu e o que há de errado com o mundo? Existe alguma esperança e, se sim, qual? Para onde vai a história? Junto com o Iluminismo, surgiram respostas para essas questões a partir de uma abordagem não cristã (naturalismo científico, materialismo, marxismo etc.).

As condições intelectuais da cultura ocidental se secularizaram de tal forma, nos tempos atuais, que, acreditar em Deus, é praticamente impossível

³Veja Charles Taylor, *A secular age* (Cambridge: Harvard University Press, 2007) [publicado em português por UNISINOS sob o título *Uma era secular*].

para aqueles que vivem sob essas condições. Como Charles Taylor observa, ser candidato a um cargo em uma grande universidade norte-americana é habitar um mundo em que é praticamente impossível acreditar em Deus ou reconhecer essa crença. Debaixo do primeiro conjunto de condições intelectuais do Ocidente, não apenas todos eram cristãos, mas também todos respondiam a uma cosmovisão cristã, porque não havia alternativa. A secularização na cultura norte-americana reverteu essas condições: não apenas ninguém é cristão, mas todos operam, ao que parece, debaixo de uma cosmovisão secular que nega a legitimidade de uma cosmovisão cristã. Em apenas trezentos anos, as condições intelectuais do Ocidente se moveram de uma impossibilidade de descrença para uma impossibilidade de crença.

Charles Taylor, de modo fundamental, identifica essa descrença como uma falta de comprometimento cognitivo com um Deus autoexistente e autorrevelador. A secularização não tem a ver com *religião*. Taylor insiste que as pessoas na cultura norte-americana hipersecularizada com frequência se consideram religiosas ou espirituais. A secularização, segundo Taylor, relaciona-se com a crença em um Deus pessoal, aquele que detém e exerce autoridade. Ele descreve a era secular como profundamente “encurralada” entre sua experiência pessoal de religião e a rejeição da autoridade pessoal de Deus. O problema é a autoridade vinculante.

Mudanças não acontecem no vácuo. Isso é verdadeiro, por certo, quanto à rejeição da cultura ocidental de uma autoridade vinculante. Para compreender a confusão ideológica na mente do Ocidente nesta era pós-moderna, devemos observar sua história intelectual e acertar as contas com as ideias significativas que moldaram seu pensamento e produziram sua cosmovisão. Do contrário, as ideias figuram sem contexto e sem significado.

O papel da história na vida de um cristão é indispensável. Desligarmos do passado é nos privar de compreender o presente. Sabemos que isso é verdade, mas poucos de nós refletem sobre as consequências dessa ignorância deliberada. Para além dessa ignorância deliberada, porém, existe, às vezes, a incompreensão acidental ou não deliberada da história, a qual pode nos advir por meios que são quase igualmente nocivos. A compreensão equivocada do passado é quase tão problemática quanto não pensar de forma alguma sobre o passado. Os cristãos possuem uma mordomia especial da mente e do intelecto, a qual deve nos levar ao entendimento de que nosso discipulado com Cristo está em jogo quando se trata de nossa compreensão do passado. Ademais, a história da filosofia, tão bem construída neste volume, é uma

realização monumental da cultura e do intelecto — uma realização que os cristãos tanto moldaram quanto foram, por ela, moldados.

Conforme consideramos os problemas e desdobramentos da filosofia ocidental, existem debates reais a serem travados — e um risco real de incompreensão. Isso, contudo, é em parte um debate teológico, em parte um debate histórico e, em grande parte, um debate cultural e político. É preciso um bom historiador da filosofia, intelectualmente rigoroso, como John Frame, para apresentar essas questões de uma maneira que permita ao passado falar conosco da forma mais autêntica possível.

Por outro lado, a história não é o ponto final — ela não é a autoridade última. Para chegar à autoridade última, os cristãos devem ponderar os fatos da história e, então, se voltar para a teologia e para o entendimento extraído das Escrituras a fim de compreender como devemos viver no presente à luz do passado. John Frame aponta para essa realidade de maneira poderosa.

Ler um livro como este é como entrar em um universo de diálogos intelectuais que, ao fim da obra, envolveu um elenco de centenas de vozes. Mas você também ingressa em uma narrativa que se mostra mais clara e relevante à medida que se torna mais precisa e mais bem compreendida. Não podemos voltar ao passado e, haja vista a ampla gama de controvérsias e conflitos que ocorreram, provavelmente não queremos voltar. Nossa tarefa, de fato, não é voltar atrás, mas, sim, refletir no presente sobre o que o passado nos confere a oportunidade de fazer: pensar de forma mais clara e viver de forma mais fiel à luz da autoridade de Deus sobre nossas vidas.

R. Albert Mohler Jr.
Presidente
Southern Baptist Theological Seminary

PREFÁCIO

No currículo do Reformed Theological Seminary, onde leciono desde 2000, existe uma matéria obrigatória chamada “História da Filosofia e do Pensamento Cristão”. O curso tem sido lecionado por diversos colegas meus, bem como por mim mesmo. Este livro constitui a minha versão da matéria.

Sou mais bem conhecido como teólogo do que como filósofo, embora, como o livro sugere, eu não veja uma diferença muito grande entre essas duas disciplinas. Mas tenho uma habilitação em filosofia pela Universidade de Princeton, estudei apologetica filosófica com Cornelius Van Til no Westminster Theological Seminary e realizei um trabalho de graduação no programa de teologia filosófica da Yale University. Durante quarenta e cinco anos, tenho lecionado temas filosóficos tanto em disciplinas teológicas quanto apologeticas, e as minhas publicações têm lidado amiúde com assuntos filosóficos.¹ Portanto, embora minha inclinação seja a de escrever de maneira mais familiar a teólogos do que a filósofos, a filosofia nunca está longe de meu horizonte.

O que se deve incluir em um curso chamado “História da Filosofia e do Pensamento Cristão”? A primeira parte, “História da Filosofia”, é uma

¹Meu primeiro livro, *The doctrine of the knowledge of God* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1987) [publicado em português por Cultura Cristã sob o título *A doutrina do conhecimento de Deus*], buscou desenvolver uma epistemologia fundamentada nas Escrituras. De forma semelhante, os outros livros em minha série *Theology of Lordship* [Teologia do Senhorio]: *The doctrine of God* (Phillipsburg: P&R Publishing, 2002) [publicado em português por Cultura Cristã sob o título *A doutrina de Deus*] lida com questões como a soberania divina, a liberdade humana e o problema do mal; *The doctrine of the Christian life* (Phillipsburg: P&R Publishing, 2008) [publicado em português por Cultura Cristã sob o título *A doutrina da vida cristã*] lida com as três tradições da ética filosófica não cristã; *The doctrine of the Word of God* (Phillipsburg: P&R Publishing, 2010) [publicado em português por Cultura Cristã sob o título *A doutrina da palavra de Deus*] regressa à epistemologia, assim como minha *Systematic theology: an introduction to Christian belief* (Phillipsburg: P&R Publishing, 2013) [publicado em português por Cultura Cristã sob o título *Teologia sistemática*]. E, é claro, há muita reflexão filosófica em meus livros de apologetica, *Apologetics to the glory of God* (Phillipsburg: P&R Publishing, 1994) [publicado em português por Cultura Cristã sob o título *Apologetica para a glória de Deus*] e *Cornelius Van Til: an analysis of his thought* (Phillipsburg: P&R Publishing, 1995). Os apêndices ao final deste livro incluem algumas de minhas resenhas e artigos filosóficos.

designação bastante comum para uma matéria. Existe um amplo consenso sobre quais pensadores devam ser discutidos sob esse tema. “Pensamento Cristão”, entretanto, não é algo fácil de delimitar para fins pedagógicos. Cristãos escreveram sobre todo tipo de assunto e em todos os gêneros possíveis. Seria possível argumentar que, em um curso como este, os estudantes deveriam aprender sobre Inácio de Antioquia, Dante Alighieri, Isaac Newton, John Donne, John Milton, John Wesley, Charles Hodge, Herman Bavinck, Dorothy Sayers, J. R. R. Tolkien, George MacDonald, G. K. Chesterton, Malcom Muggeridge, Billy Graham — e a lista poderia se estender indefinidamente. Os cristãos tomaram parte em todas as funções da sociedade e influenciaram todas elas. Mas precisamos ter uma proposta para afunilar a lista.

Minha proposta leva à exclusão de todos os nomes do parágrafo anterior. Não que eu despreze qualquer uma daquelas pessoas; na verdade, todos eles são pensadores impressionantes e incríveis servos de Deus. Mas este livro precisa “contar uma história”, como costumamos dizer hoje em dia, e ela precisa ser uma história filosófica. Assim, escolhi lidar com aqueles pensadores cristãos que fizeram uma contribuição substancial para a história geral da filosofia ou que tenham desenvolvido ideias filosóficas notáveis que influenciaram a teologia da igreja.

O fio condutor, porém, é sobretudo meu esforço de analisar a história e avaliá-la toda de um ponto de vista cristão. Acredito que a Bíblia deve governar nosso pensamento filosófico, assim como deve governar, na verdade, todas as outras áreas da vida humana (1Co 10.31). É verdade que alguns duvidam que a Bíblia tenha qualquer coisa a dizer sobre filosofia. A melhor maneira de responder a essas dúvidas é mostrar o que a Bíblia realmente diz sobre o assunto. Esse será o tema e a ênfase principal deste livro.

De qualquer forma, não teremos diante de nós uma história “neutra”. Alguns dirão que ela é propaganda, e não um estudo objetivo. Por certo, tentei compreender os fatos corretamente, embora meu trabalho não seja, em geral, uma pesquisa individual nas fontes documentais originais. Você não encontrará neste livro muitas interpretações novas dos filósofos e teólogos (se é que existe alguma). Em grande parte, segui o consenso interpretativo, porque, em especial, desejo avaliar o impacto que cada pensador teve sobre esse consenso. Mas você encontrará muitas *avaliações* que suspeito serem pouco convencionais. Meu objetivo é expor a realidade de que a história da filosofia e da teologia não é nada menos do que uma guerra espiritual na vida intelectual.

Assim, este livro será diferente da maioria das outras histórias do pensamento, até mesmo daquelas cristãs, especialmente nestes aspectos: (1) sua perspectiva cristã é patente; não me esforcei para ser sutil quanto a ela; (2) na verdade, este livro pode ser compreendido como uma longa apologética, argumentando que sistemas de pensamento não cristãos, ou até mesmo os sistemas cristãos inconsistentes, inevitavelmente tombam na ruína intelectual do racionalismo e do irracionalismo; (3) ele lida com a filosofia e a teologia em um único volume, a fim de argumentar que essas duas disciplinas são profundamente interdependentes, ainda que sejam distintas; (4) ele se concentra, mais do que os outros livros do gênero, no período moderno, porque quero preparar os alunos para a guerra espiritual que existe em seu próprio tempo, sem, contudo, negligenciar o histórico dessa batalha nos períodos anteriores. Os capítulos 5—8 tratam do pensamento “moderno” e os capítulos 9—13, dos séculos 20 e 21.

Para tornar este livro o mais útil possível como manual de estudos para a sala de aula, de um grupo ou mesmo de um estudo individual, incluí no final de cada capítulo as instruções específicas e ferramentas de estudo: palavras-chaves, guia de estudos, bibliografia (com materiais impressos e online), leia você mesmo (uma lista de fontes primárias) e citações célebres. A seção “Citações célebres” oferece links para citações bem conhecidas dos filósofos e teólogos discutidos no capítulo em questão — no Wikiquotes (e, ocasionalmente, na Goodreads e Wikipedia).² Além disso, como auxílio adicional, no final deste livro existe um glossário, uma bibliografia comentada de textos filosóficos, uma bibliografia geral e dois índices.

Minha dedicatória é à memória de Cornelius Van Til, que teve mais influência sobre meu pensamento filosófico do que qualquer outro escritor não canônico. O público teológico e filosófico mal começou a fazer uso dos insights profundos e brilhantes de Van Til. Ele não é um mero apologeta, mas um pensador substancial com muitas respostas convincentes, penso eu, para nossas questões atuais. Sua linguagem, muitas vezes obscura, não deve servir como desculpa para descartá-lo. Van Til é um pensador que recompensará o esforço diligente de compreensão.

Todos os meus livros são profundamente influenciados por Van Til, e refleti sobre a natureza dessa influência em *Cornelius Van Til: an analysis of his thought*, em especial. Este livro é, contudo, a primeira vez que dedico uma

²Nos capítulos 1 e 13, faço citações diretas de diversas publicações da P&R Publishing.

obra a ele de forma explícita. A razão é que, neste livro, busco refletir sobre algumas ênfases particulares de Van Til em seus ensinamentos. Van Til foi um professor de apologética, mas sua apologética era única, não apenas no “método”, como ele gostava de dizer, mas também na ênfase. A maioria dos apologetas escreve para o homem comum. Não há problema nisso, e ainda existe uma grande necessidade disso. Van Til também fez isso de forma ocasional.³ A maior parte da obra de Van Til, contudo, se volta para os grandes pensadores que tiveram maior impacto na civilização ocidental. Assim, seus escritos apologéticos e seu ensino enfatizava a história da filosofia e da teologia.⁴ Ele acreditava que se você fosse capaz de lidar seriamente com pensadores como Platão, Aristóteles, Kant e Hegel, você estaria muito mais preparado para lidar com os ateus provincianos que sequestram a mente popular por uma semana ou duas. A interação com grandes pensadores contribui muito para explicar os desdobramentos intelectuais do nosso próprio tempo, e apenas esse debate pode demonstrar a força plena da posição cristã. Eu concordo com Van Til nessa convicção e espero, neste livro, seguir seus passos.

Meus agradecimentos, mais uma vez, à P&R Publishing, com quem tenho trabalhado há muitos anos, e especialmente a John J. Hughes, meu amigo de longa data, que zelou por este volume ao longo do processo de publicação e que muito me ajudou em meus projetos de livros anteriores. Neste livro, ele trabalhou junto com Karen Magnuson, uma editora espetacular que também realizou um trabalho excelente em meus antigos projetos. Agradeço também ao meu colega John Muether, do RTS, que elaborou o índice remissivo e de passagens bíblicas. Reconheço também o trabalho de Joseph E. Torres, que verificou todas as URLs do meu material online.⁵ Agradeço também aos meus alunos do Westminster e do Reformed Theological Seminary, que me ofereceram encorajamentos e desafios valiosos ao longo dos anos, e à minha família maravilhosa: os queridos Mary, Debbie, Doreen e Denis, Skip e Sharon, Justin e Carol, Johnny e todos os netos.

³Como no livreto fascinante “Why I believe in God”, disponível em: https://www.the-highway.com/why_I_believe_cvt.html, acesso em: 09 fev. 2022 [publicado em português por Monergismo sob o título *Por que creio em Deus*].

⁴Veja, em especial, a abordagem que faz da filosofia grega em seu *Survey of Christian epistemology* (Philadelphia: Den Dulk Foundation, 1969). A ênfase de Van Til destaca a tolice e ignorância do comentário de William Lane Craig em Steven B. Cowan, orgs., *Five views on apologetics* (Grand Rapids: Zondervan, 2000): “Van Til, apesar de todos os seus insights, não era um filósofo” (p. 235). Van Til recebeu um Ph.D. em filosofia da Universidade de Princeton e seus escritos estão repletos de referências a filósofos e a análises minuciosas de ideias filosóficas. Embora eu tenha criticado o comentário de Craig, ele não se retratou nem se desculpou, até onde eu saiba.

⁵Todas as URLs foram verificadas em 29 de maio de 2015.

História da filosofia e teologia ocidental

Batalha espiritual
na vida da mente

1

A FILOSOFIA E A BÍBLIA

A palavra “filosofia” significa, em sua etimologia, “amor pela sabedoria”. “Sabedoria”, por sua vez, é “um tipo de conhecimento elevado, um conhecimento que imerge no profundo significado e na relevância prática”.¹ No mundo antigo, havia um gênero chamado “literatura de sabedoria”, encontrado nos livros bíblicos de Jó, Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos,² mas também em muitas culturas além de Israel. O método dos mestres em sabedoria era angariar os escritos dos sábios de muitas gerações e lugares para a orientação de suas próprias comunidades. O que distingue a sabedoria em Israel da sabedoria de outras culturas é convicção de que “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Sl 111.10).

A filosofia, entretanto, não deve ser entendida como uma extensão da tradição da literatura de sabedoria. De inúmeras maneiras, como veremos, a filosofia é, historicamente, uma revolta contra a sabedoria tradicional.

A filosofia, entretanto, não deve ser entendida como uma extensão da tradição da literatura de sabedoria. De inúmeras maneiras, como veremos, a filosofia é, historicamente, uma revolta contra a sabedoria tradicional.

Defino “filosofia” como “o esforço disciplinado de articular e defender uma cosmovisão”. Uma “cosmovisão” é uma concepção geral do universo. As ciências geralmente buscam o entendimento de aspectos particulares do universo: a química busca os aspectos químicos, a biologia, os biológicos, e assim por diante. Mas a filosofia lida com as verdades mais gerais da realidade: o que é, como o sabemos, como devemos agir. “Cosmovisão”, portanto, é uma designação apropriada para o objeto da filosofia.

¹DG, p. 505, esp. minha abordagem nas p. 505-9.

²Outras partes da Escritura também possuem características da literatura de sabedoria — por exemplo Sl 1; 104; Mt 11.25-30; 1Co 1—3; e a Epístola de Tiago.

Hoje, muitos preferem o termo “metanarrativa” quando desejam fazer referência a essa visão abrangente. A metanarrativa vê o universo como uma *história* contínua, já a cosmovisão, como um conjunto de coisas, fatos e processos. As duas ideias, porém, pressupõem-se mutuamente. Se existe uma narrativa, ela deve ser sobre algo — a rigor, coisas (incluindo pessoas), fatos ou processos. Se existem coisas, fatos ou processos, então eles têm uma história e podem ser descritos em uma narrativa, por mais tediosa que essa narrativa possa ser às vezes.

Alguns já negaram que cosmovisões e metanarrativas fossem possíveis. Outros, concedendo que elas existem (talvez na mente de Deus), afirmam que não temos acesso a elas. Jean-François Lyotard definiu o pensamento “pós-moderno”, do qual ele compartilha, como “incredulidade de metanarrativas”.³ Certamente conseguimos entender por que alguns acham arrogante a pretensão de conhecer a estrutura geral do universo. Por outro lado, devemos também entender que cosmovisões são em certa medida indispensáveis, pelo menos como pressupostos de trabalho. Por exemplo, por que devemos nos envolver em qualquer discurso se não assumimos que o universo é acessível pelo pensamento racional? Por que os próprios pós-modernos deveriam acreditar que existe algum valor em escrever livros ou elaborar argumentos racionais para defender sua posição pós-moderna? Inevitavelmente presumimos, no mínimo, que o mundo é acessível à mente humana, e esse pressuposto é uma crença sobre o mundo como um todo, é uma cosmovisão.

Lyotard poderia contra-argumentar, mas, ao fazê-lo, ele presume, por necessidade, um mundo diferente — um mundo no qual a maior parte do universo é irracional, inacessível à mente, mas no qual, de forma inexplicável, existem pequenos bolsões de racionalidade (“pequenas narrativas”) que nos habilitam a viver juntos e a dialogar. A vastidão irracional, mais os bolsões de racionalidade, constituem a cosmovisão de Lyotard. Ele não se desfez das metanarrativas, apenas substituiu uma por outra.

Sendo um cristão, estou comprometido com uma cosmovisão que deriva da Bíblia: Deus, o Criador, o mundo como sua criação, o homem feito à sua imagem, o pecado e suas consequências como nossa vicissitude, a expiação de Cristo como nossa salvação, sua volta como a consumação de todas as coisas. Neste livro, essa cosmovisão será um pressuposto, mas também argumentarei

³Jean-François Lyotard, *The postmodern condition: a report on knowledge* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984), p. 7 [publicado em português por José Olympio sob o título *A condição pós-moderna*].